



O USO DE COCAÍNA E A PROSTITUIÇÃO FEMININA NOS BORDÉIS DO CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA

Camila Saraiva de Matos; Tereza Maria da Silva Ferreira; Lia Machado Fiuza Fialho; José Gerardo Vasconcelos

Universidade Federal do Ceará, camilasaraiva28@hotmail.com; Universidade Federal do Ceará, terezaceifa@hotmail.com; Universidade Estadual do Ceará, lia_fialho@yahoo.com Universidade Federal do Ceará gerardo.vasconcelos@bol.com.br

Resumo

O intuito deste trabalho é analisar as práticas educativas desencadeadas pelas profissionais do sexo no interior de casas de espetáculo localizados no centro de Fortaleza, relacionando contexto de aprendizagem e ações educativas formais e não formais. Por meio do relato das garotas de programa se observa a dura realidade que emerge da vida da prostituta, assim como os aspectos que norteiam o universo da prostituição. É através da consideração da trajetória de vida das profissionais do sexo, como também nas visitas realizadas aos prostíbulos que se propõe investigar a relação existente entre o comércio de sexo e o uso de cocaína, uma das indagações aqui presente. O procedimento metodológico perpassa pela etnografia e pelas narrativas das garotas. Para alcançar os objetivos foram necessárias visitas sistemáticas aos bordéis, o registro em diários de campo em estabelecimentos no centro da capital cearense, utilizando gravador digital para produção de entrevistas, posteriormente transcritas. Nestes espaços, a atração principal é o bailado sensual das moças que pode servir para diversão do público ou resultar em programas, uma vez que algumas dessas casas reservam em seu interior ambientes próprios para a prática do ato sexual. Finda-se que o território do prazer, é um espaço que permite, tanto a perda do pudor, como também concebe a construção de diversos saberes e práticas educativas. Sendo assim, esse estudo visa colaborar para pensar em outras experiências educativas que evadem aos formalismos embutidos nos discursos pedagógicos.

Palavras-Chave: Prostituição, Trajetória de vida, Cocaína, Práticas Educativas.

Introdução

O escopo deste trabalho é analisar práticas educativas desencadeadas pelas profissionais do sexo no interior dos bordéis (casas de espetáculos) localizados no centro de Fortaleza, relacionando o contexto de aprendizagem e ações educativas formais, não formais e informais, por meio do relato das garotas de programa, onde emerge a dura realidade de sua vida, bem como aspectos que norteiam o universo da prostituição. É através da trajetória de vida das profissionais do sexo, como também de observações feitas durante visitas aos prostíbulos, que se propõe investigar a relação existente entre a prática da prostituição e o uso



de cocaína. Entre os espaços visitados destaca-se e descreve-se, de forma sucinta, o Cine Majestick e o Gata Garota.

O Cine Majestick fica localizado na rua Major Facundo, na região central da capital cearense. O espaço se caracteriza por um cinema pornográfico, cuja principal atração não se concentra nos enredos de filmes eróticos, mas na apresentação feminina de *pole dance*¹, seguida de show erótico, com prática sexual explícita. Por volta de 19h30, a sala de cinema se reconfigura, surgindo um palco com um divã e um cano, destinado ao show do *pole dance*. A menina entra pelo lado direito do tablado, vestindo lingerie bastante provocativa. Nesse momento, todos os olhares se voltam para seu espetáculo, que se desenrolará ao som de três músicas, previamente selecionadas por ela. A primeira canção embala a performance no *pole dance*, que evolui para o *strip-tease*, ou seja, durante a execução da segunda música, a garota vai se despindo, até ficar completamente nua. A terceira melodia marca o clímax do evento: o sexo explícito. Então, uma fila é formada com muitos homens da plateia, que se colocam em torno do palco e se dispõem, voluntariamente, a copular com a moça. Ela não escolhe o cliente, pois o critério para realizar a penetração se restringe a ser o primeiro da fila e permanecer com o pênis ereto. Desta forma, a prática sexual permite que os homens deixem o papel de meros espectadores e passem a ser coadjuvantes do espetáculo. O desenrolar acontece com os rapazes, individualmente, subindo ao palco, extremamente excitados e extasiados de rjeza, indo ao encontro da garota. Não existe um número limitado para o ato, porém, tão logo cada um deles suba ao palco, penetre e ejacule se retira para que, na sequencia, o próximo da fila também sacie seu desejo. Vale ressaltar que a menina faz uso de preservativo, durante o ato sexual.

Na Avenida Imperador, outro espaço central fortalezense, localizada mais precisamente entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I emerge um recinto destinado ao amor venal, cujo nome, bastante sugestivo, vislumbra olhares e atenção de quem circula no entorno: o Gata Garota Show. O prostíbulo de operação recente no endereço chega com uma idéia

¹ Dança em torno de uma haste de metal vertical que exige força, sensualidade e habilidade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

inovadora, propondo ser uma boate diferenciada, na qual a principal atração é o show de *pole dance*, vulgarmente conhecido como dança no cano.

Atualmente, no Gata Garota, o show de *strip-tease* pode ser contratado por quarenta reais. Funciona assim: o cliente chama a menina até à sua mesa, combinando previamente o espetáculo. Aproximadamente duas músicas, escolhidas pela própria dançarina, marcam o tempo da exibição. A primeira canção acompanha a dança sensual no palco, mas a outra será dançada, de forma insinuante e provocativa, no colo do investidor do espetáculo. Movimentando o corpo de forma erótica, a garota vai se despindo, ficando completamente nua em cima do freguês, que passeia as mãos pela volúpia corporal da dançarina. O regimento do cabaré permite que o cliente toque o corpo da menina no momento em que ela dança em seu colo e isso inclui apalpar as nádegas, acariciar os seios e lambe a genitália. Porém, não é permitido ao cliente puxar cabelos ou dar tapas em seu bumbum, inclusive, o espetáculo também não permite a penetração. Caso o cliente deseje ter intercuro sexual com a garota deve desembolsar uma quantia equivalente a noventa reais e se dirigir para o motel que a casa comporta.

Nas travessias pelos bordéis do centro de Fortaleza é possível conhecer e conversar com algumas garotas de programa. Contudo, o que se observa, a partir da análise da fala das meninas é que, trilhado por paixões efêmeras e o sabor feminino, o universo da prostituição também manifesta outras vertentes que vão além do prazer e da sensualidade proporcionados pela dança.

Neste sentido, elementos coadjuvantes, como a droga, também circundam as entranhas do território do prazer. Em visitas a casas de prostituição é possível perceber que algumas trabalhadoras do sexo fazem uso de droga, em especial, a cocaína. É o caso, em particular, de Danny Rios, mulher de 41 anos que atuou como garota de programa por mais de vinte anos e, atualmente, afirma-se ex-profissional do sexo. Entretanto, em testemunho de vida, Danny declara ter desenvolvido o vício da droga, durante a sua estadia pelas noites dos cabarés.

Segundo narrativa de Danny, o primeiro contato com a cocaína foi aos vinte e nove anos de idade, em uma boate de *strip-tease* localizada em Mossoró. Na ocasião, ela estava participando de uma festa particular dentro de um dos quartos da boate e todos os presentes à orgia eram usuários de cocaína, exceto ela. Esta situação acabou gerando um desconforto, o que a levou, por insistência de suas amigas, a consumir a droga, para não ficar, segundo suas palavras, um “clima chato” na festa.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Eu comecei a usar a cocaína mais por curtidão, só um pozinho e tal, dá pra aguentar e isso tornou-se um problema. O que aconteceu comigo foi sentido de toda vida que eu ia pro quarto com um cliente e tal dava aquele “tequinho”. E eu percebi que no período mais crítico da minha depressão a cocaína era uma forma de anestesiá-lo aquilo que eu tava passando, que eu tava sentindo e então comecei a fazer uso por conta própria, comecei a comprar aí deslanchou o resto e eu fiquei dependente da cocaína. (Danny).

No caso de Janaína, uma jovem com idade de 24 anos e que havia cinco anos faz programa, a cocaína funciona como um estimulante para que ela possa aguentar a noite de trabalho, desde que esta se inicia. Para tanto, ela confessa que usa a droga todos os dias, revelando: “eu preciso cheirar para poder trabalhar” (Janaína).

É através da observação da trajetória de vida das prostitutas e nas visitas realizadas aos prostíbulos que se investiga a relação existente entre a prática da prostituição e uso de cocaína. As questões levantadas giram em torno das possíveis motivações das garotas de programa, para optarem por fazer uso da droga. A garota de programa usaria a cocaína como um estimulante para aguentar uma noite inteira de trabalho ou faria uso da droga para agradar ao cliente? Seria a prostituição uma forma de conseguir dinheiro para sustentar o vício? Ou, ainda, a garota se droga para ser capaz de fazer programas ou se prostitui para poder se drogar?

Por certo este estudo pode colaborar para um melhor entendimento acerca do universo da prostituição, minimizando o preconceito presente na cultura quando se tratam de temáticas envolvendo sexualidade, em especial aquelas que abordam o comércio de sexo. Sobretudo, se faz compreender a cultura e as experiências educativas que eclodem nos espaços de prostituição, entender o que de fato representa um bordel _ como funciona a zona do meretrício e a rotina da garota de programa _, o que ocorre nos bastidores da prostituição e qual o comportamento das meninas em relação ao uso da cocaína. Ademais, esse estudo espera contribuir para suscitar considerações acerca de experiências educativas que escapam aos formalismos embutidos nos discursos pedagógicos.

Referencial teórico

Uma das categorias de análise substanciais aqui se refere a práticas educativas que podem ser desenvolvidas nos ambientes de prostituição. No entanto, para discorrer sobre o tema faz-se necessário compreender o conceito de educação, bem como conhecer os diversos espaços favoráveis à aprendizagem. Em busca de suporte teórico para reflexões, o encontro com os fundamentos de Carlos Rodrigues Brandão contribui para as ideias.

De acordo com Brandão, (2007, p.7)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender -e- ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Ora, se a educação corresponde a um processo pelo qual o indivíduo está sempre aprendendo, adquirindo e acumulando conhecimento, seja por meio de suas vivências, de sua interação com o outro ou com o espaço em que está inserido, o ato educacional ocorre em todos os momentos e lugares diferenciados, em todas as esferas da sociedade: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” (BRANDÃO, 2007, p.9).

A partir da perspectiva que apresenta a educação para além dos espaços ditos formais de aprendizado é possível compreender o bordel como um ambiente que também dissemina práticas educativas, no qual processos de ensino e aprendizagem escapam aos formalismos das pedagogias.

Importante destacar, ainda, que é de interesse desse estudo apresentar experiências educativas não formais, informais e formais. Neste sentido, o pensamento de Libâneo colabora para uma melhor compreensão dessas vertentes educacionais:

A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos (...). A educação não-formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações com os indivíduos. (Libâneo, 1999, p. 23):

Se a educação formal direciona o ensino para a aprendizagem que ocorre nos espaços regulares de ensino, ou seja, as escolas, a pesquisa precisa conhecer e retratar a trajetória escolar das profissionais do sexo. Todavia, em relação à educação não formal e informal, a análise das experiências educativas desencadeadas no interior das casas de espetáculos traz os elementos para a reflexão. Sobre isto, espera-se que as experiências englobem aprendizados sobre sexualidade: uso de métodos contraceptivos e cuidados com o corpo, que incluem tanto a dimensão fisiológica, como o caráter estético.

Percebe-se que meretrizes mais experientes ensinam as garotas que estão ingressando no ramo os hábitos de cuidados com o corpo, a principal ferramenta de seu trabalho. As diversas formas de socialização de informações e conversas informais também correspondem aos processos educacionais, marcados, principalmente, pelos saberes



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

adquiridos através de experiências de vida, nos momentos de contatos com clientes e nas situações de interação com todos que circundam o território do prazer.

Além das práticas formativas desencadeadas no interior dos bordéis, a discussão ora empreendida abarca questões que envolvem prostituição. Para tanto, trazer conclusões de pensadores especializados no tema é essencial para fundamentar o debate. O universo da prostituição abrange uma subjetividade repleta de representações e nuances: mistério, desejo, prazer imediato, fascínio, sensualidade e atração, entre tantos outros matizes.

Segundo Rossiaud (1991, p.19)

Tentar compreender a amplitude e o significado social da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas e matrimoniais, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dos grupos sociais que a toleram e a reprimem.

Rago afirma que “Condenada e aceita ao mesmo tempo, a prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser aprendidas se escaparmos aos parâmetros conceituais dominantes e aprendermos sua positividade” (RAGO, 2008 p. 196). A zona do meretrício é cercada de julgamentos e preconceitos. Por vezes, apresenta-se de forma oculta, porém, sua existência é inegável, assim como sua relevância para a construção do espaço social no qual a sociedade se insere. Ela movimentava a vida noturna da cidade, fazendo parte da cultura urbana e, por isso, deve gozar o respeito e reconhecimento de todos.

A cidade entrega-se ao descanso noturno enquanto muitos se lançam ao território do prazer. [...] “As práticas sexuais ilícitas, as aventuras românticas e a circulação dos afetos configuravam-se a cidade do prazer e da festa. A cidade noturna vingava-se da cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial”. (RAGO, 2008, p.196).

Sendo assim, falar em prostituição implica conhecer a cultura que emerge dos espaços do meretrício, tendo em vista que o bordel é ambiente lúdico e festivo, movido pelas batidas da música que segue os movimentos sensuais das dançarinas profissionais do sexo. “No bordel buscava-se não apenas a transgressão dos comportamentos moralmente sancionados, mas os excessos, as fugas, os êxtases, os prazeres da orgia”. (RAGO, 2008 p. 211).

Destinado ao espetáculo da luxúria, o universo da prostituição transita entre o real e o imaginário. Inúmeras são as fantasias que movem os indivíduos a irem buscar na figura da prostituta o contentamento sexual e o que compõe o imaginário masculino vai muito além do gozo imediato, é mais que o coito ou o ato de copular com a fêmea, é o prazer de estar no

² Consiste no sujeito que sente prazer sexual ao ver outras pessoas praticando relações sexuais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

antro dos amores ilícitos, de assumir o papel de *voyeurs*², é o encanto de visualizar o intercuro sexual em um ritmo frenético.

O cenário da prostituição também reúne elementos coadjuvantes, que vão além do prazer e da sensualidade. Dentre esses elementos, destaca-se a cocaína, droga de largo uso nos bordéis de Fortaleza e uma das indagações deste trabalho.

Para a fundamentação teórica da temática do uso da droga (cocaína), a literatura especializada destaca o aporte desenvolvido por Tasso Araújo (2012) cognominado Almanaque das Drogas. De acordo com Araújo (2012, p.14),

A definição mais ampla, fornecida por farmacologistas, considera droga “qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de um organismo”. É a interpretação mais semelhante à dos gregos antigos, que usavam a palavra *phármakon* tanto para remédio como para veneno. Eles entendiam que nenhuma substância é boa ou má em si. O uso que se faz dela é que ditará suas consequências.

A priori, a cocaína é uma droga extraída das folhas de uma planta, a coca (*Erythroxylon coca*). Essa planta é encontrada nos países da América do Sul e da América Central e considerada um forte estimulante do Sistema Nervoso Central (SNC). Embora a droga tenha sido receitada por Freud como medicamento para reduzir a ansiedade e como antidepressivo, logo seu uso terapêutico foi desconsiderado, pois, entre seus efeitos colaterais, constatou-se a dependência.

Ela pode ser encontrada nas mais variadas formas: merla, uma pasta, que pode ser fumada, com efeitos quase imediatos no organismo e que permanecem até meia hora depois do uso. Quando em forma de pó é o cloridrato de cocaína, aspirado por via nasal _ “cheirada”, cujos efeitos surgem em aproximadamente três minutos. Pode ser consumida, ainda, dissolvida em água e injetada na corrente sanguínea, com impacto físico quase instantâneo _ trinta segundos e duração de meia hora. Muito popular, atualmente, é sua forma sólida _ a pedra que, em essência, é uma mistura de cloridrato de cocaína e bicarbonato, formando assim o crack, normalmente fumado em cachimbos. De efeito intenso, o crack age no sistema nervoso em torno de dez a quinze segundos após o contato, porém, o efeito dura, aproximadamente, apenas cinco minutos.

Do ponto de vista fisiológico, Araújo (2012) apresenta a cocaína como uma droga capaz de inibir a fome e produzir no usuário uma sensação de bem-estar, leveza e euforia. O usuário sente-se revigorado, com autoestima elevada e autoconfiante, experimentando um sentimento de prazer e o desejo sexual. Contudo, algumas pessoas, após utilizarem a substância, desenvolvem um comportamento paranoico. Em seguida ao uso, a droga eleva a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

temperatura corporal e a pressão sanguínea, altera os batimentos cardíacos e acelera a respiração. Mas, passado o efeito de euforia, o usuário torna-se triste, cansado e apático, o que faz com que ele procure consumir doses extras para libertar-se da fadiga que toma conta do seu corpo.

Percurso metodológico

O procedimento metodológico assume um cunho etnográfico, tendo em vista que a pesquisa ocorre através do acompanhamento sistemático da rotina de prostíbulos da região central de Fortaleza-CE. A pesquisa etnográfica supõe a prática da observação e descrição, propondo ao pesquisador uma imersão no cotidiano de uma determinada cultura, para que o mesmo possa compreender o contexto sociocultural do seu objeto de pesquisa.

Dito de outra forma, o método etnográfico possibilita uma aproximação mais estreita com a realidade, a qual se propõe a estudar e compreender. Portanto, visitar bordéis regularmente torna-se necessário para desenvolver, a fim de acompanhar o dia-a-dia da zona do meretrício e, assim, realizar a coleta de dados que comporá o diário de campo, peça de suma importância.

Observar, ouvir e registrar perpassa o método etnográfico, além de analisar o ambiente pesquisado e fazer anotações no livro de registro, mas, de suma importância é ouvir os indivíduos que circundam o lócus de pesquisa. Desta forma, a oralidade corresponde ao alicerce de elaboração deste estudo e o processo discursivo assume papel relevante no desenvolvimento de toda pesquisa, daí a necessidade de trabalhar com a narrativa das prostitutas.

A opção por proceder com a abordagem de testemunhos parte do princípio que, a partir das histórias de vida das profissionais do sexo, é possível compreender melhor os processos que englobam o trabalho com sexo, conhecendo a rotina de uma garota de programa, tendo em vista que produções discursivas possibilitam inferir certas indagações, tais como as relações existentes entre a prática da prostituição e o uso de cocaína.

Importante destacar que ao se trabalhar com narrativas alguns aspectos devem ser levados em consideração, tais como o fato de que o sujeito, ao relatar acontecimentos vividos por ele, muitas vezes, até os reconstrói, ressignificando-os e apresentando uma nova interpretação. Portanto, a narrativa não é uma verdade pontual, pois o informante, quando restabelece suas ideias para o relato, pode reconstituir experiências apresentando uma nova compreensão, uma nova perspectiva.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

O uso da narrativa envolve lembranças e esquecimentos, destacando o emprego da memória. Para Le Goff (1990, p.423), “a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. A memória representa um mecanismo feito no presente por intermédio de vivências e experiências ocorridas em um passado.

Aqui, as narrativas, juntamente com a memória, são tratadas por intermédio de entrevistas. Conta-se com o auxílio de um gravador digital responsável por armazenar os dados coletados, posteriormente analisados a partir das transcrições das entrevistas, que podem ser semiestruturadas ou abertas. O uso da técnica permite ao pesquisador reconstituir a fala dos informantes, reagrupando a entrevista com os destaques que se fixam nas lembranças dos próprios narradores: recortar a entrevista e reagrupar as partes mais importantes destacando a aura temática.

Com outras palavras, ocorre uma classificação interna das entrevistas, na qual se filtram as falas, deslocando o discurso da oralidade para documentos recriados e, nesse caso, entra em cena a subjetividade do pesquisador. No entanto, o documento final é devolvido ao narrador para eventuais correções, possibilitando sua validação e aplicação na pesquisa.

Em relação aos locais para realizar as entrevistas tanto podem ser aqueles constantes no próprio campo de pesquisa, neste caso o cabaré, ou outro ambiente escolhido pelo informante, preferencialmente, de acordo com critérios e disponibilidade particulares.

Portanto, a pesquisa aqui descrita transcorre pelos dois vieses metodológicos, um de caráter etnográfico e outro pela abordagem de narrativas e memórias. O aparato etnográfico visa a colaborar para a percepção e compreensão das práticas culturais e educativas imbricadas na temática da prostituição, tendo em vista que a etnografia possibilita a investigação das variações culturais tanto em contextos específicos como em contextos amplos. Porém, sem esquecer que apontamentos etnográficos são filtrados e incorporados aos registros mnemônicos e iconográficos. Entretanto, tem-se certeza que a filtragem do material coletado inscreve a pesquisa em águas que se renovam na própria via cotidiana, uma vez que é, nas palavras de Malinowski (1984):

Frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal (MALINOWSKI, 1984, p. 19).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Assim, a narrativa corresponde ao método que proporciona uma explicação acerca de como os indivíduos podem compreender o seu passado, relacionando assim as suas experiências em um contexto social e elucidativo do momento presente. O uso das narrativas proporciona visibilidade à história de vida das entrevistadas, neste momento, as profissionais do sexo, a fim de promover uma reflexão sobre a prática da prostituição. É através da fala, da conversa e do diálogo que se identificam as relações que envolvem a vida de uma prostituta. As memórias das garotas de programa guardam elementos-chaves para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações finais

Falar em prostituição implica em conhecer a cultura que emerge dos espaços de meretrício, tendo em vista que o bordel é um ambiente eminentemente lúdico e festivo, movido por batidas de músicas que seguem os movimentos sensuais das dançarinas e profissionais do sexo. Este território de prazer permite a construção de inúmeras práticas educativas que vão desde os processos de ensino-aprendizagem mediados pela sociabilização, passando pela educação sexual propriamente dita, os cuidados direcionados para o corpo, que englobam tanto aqueles de natureza fisiológica, os ginecológicos, como os de características estéticas, como o uso de recursos tecnológicos de promoção da beleza e as cirurgias plásticas. Inclusive, a prática da dança também é uma habilidade muito explorada e que requer processos educativos. Onde se conclui que os âmbitos escolares não são os únicos a estabelecerem o aprendizado, pois o ser humano interage continuamente em todos os lugares nos quais se encontram inserido proporcionando, assim, a construção permanente de conhecimentos, ao longo de toda vida.

As visitas realizadas aos bordéis do centro de Fortaleza permitiram um conhecimento mais apurado em relação ao universo da prostituição. O prostíbulo, na verdade, representa um grande palco cuja principal atração é a vida das profissionais do sexo que habitam aquele espaço. A prostituta é um personagem encoberto por uma máscara que muitas vezes utiliza-se de elementos alucinógenos, os entorpecentes, para desenvolver o seu trabalho: dar prazer, ser prazer e um campo de sensualidade.

No entanto, o que se esconde por trás da máscara assumida profissionalmente é uma mulher comum, com seus anseios, seus medos, desejos, uma mulher que ri, chora, que é mãe, enfim, uma mulher como tantas outras, na labuta para conseguir o pão de cada dia ou, quem sabe, encontrar um grande amor.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Conclui-se que o território do prazer, é espaço de dinamismo, que tanto permite a perda do pudor, como também a construção de diversos saberes e práticas educativas, fugindo aos discursos tradicionalistas e aos formalismos embutidos nos discursos pedagógicos.

Por fim, outros componentes de satisfação física, como a cocaína e as drogas ilícitas, por exemplo, também imperam nos espaços de exploração do prazer sexual e moldam o cenário da prostituição, fazendo com que estes ambientes ultrapassem os limites do desejo carnal, da sensualidade, da música e da dança.

Referências

ARAÚJO, T. **Almanaque das drogas**. São Paulo: Editora Leya, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A Vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia**: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica). Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da noite** – prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930). São Paulo, Paz e Terra, 2008.

ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

SOUSA Ilnar de. **O Cliente**: O outro lado da prostituição. Secretaria de Cultura e Deporto. São Paulo: Annablume, 1998.